

Análise do sonho “Injeção de Irma” – Sigmund Freud

Personagens do sonho:

Irma, amiga, Martha (esposa), governanta, Otto, Leopold, Dr. M

Ano 1895

Preâmbulo

Freud vinha prestando tratamento psicanalítico a uma jovem senhora que mantinha laços muito cordiais de amizade com a família;

Uma relação mista exige de Freud muito profissionalismo, a fim de não haver sentimentos;

Tratamento termina com êxito parcial, Irma se livra de sua angústia histérica, mas não dos sintomas;

Nesta ocasião Freud ainda não tinha clareza de quais eram os critérios para que um caso de histeria pudesse estar encerrado;

Freud propõe para Irma uma solução do qual ela parecia não estar disposta;

Diante da discordância de Irma o tratamento é interrompido no período das férias de verão;

Certo dia Freud recebe a visita de um grande amigo que estivera com Irma;

Freud pergunta ao amigo sobre Irma. O amigo responde “Está melhor, mas não inteiramente boa.”.

Freud fica aborrecido com seu amigo Otto pelo tom das palavras que as proferiu a respeito de Irma;

Na mesma noite Freud redige o caso clínico de Irma;

Freud tem o sonho com Irma e resolve anotar tudo e a interpretar seu sonho.

Sonho de 23 – 24 de Julho de 1895

1 – No momento em que Freud recebe uma informação que ele não esperava e o fato dele não esboçar seus sentimentos ao amigo ele recalca completamente seus pensamentos;

2 – Ao sonhar tem os problemas não resolvidos que podemos definir como sendo restos diurnos que contribuem para a formação do seu sonho misturando com seus desejos recalcados;

3 – As formas como que as imagens aparecem no sonho distorcido e que serão analisadas por Freud.

“Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças”.

4 – O guardião do sonho atuou bem disfarçando e deformando as imagens e permitindo a liberação do desejo no inconsciente de Freud.

5 – Trata-se de um sonho rico em seu conteúdo manifesto transformado em conteúdo latente.

6 – O sonho traz a tona vários personagens: Irma, amiga, Martha (esposa), governanta, Otto, Leopold, Dr. M e, até mesmo o irmão mais velho de Freud aparece em um determinado momento, que vão fazendo parte do conteúdo latente.

O sonho “A injeção de Irma” está inserido no capítulo “O método de interpretação dos sonhos: a análise de uma amostra onírica”, lançado em “A interpretação dos sonhos”, por Freud, em 1900, porém foi escrito cinco anos antes, logo após despertar. Inúmeras notas de rodapé foram inseridas anos mais tarde e são parte fundamental para o entendimento desse artigo, pois fornecem um rico material formado por elaborações secundárias e posteriores do autor.

Freud decompôs esse sonho dividindo-o em partes, e ele as interpretou separadamente, a saber:

O salão: Freud havia passado aquele verão em Bellevue, em uma casa nas colinas que havia sido construída com o intuito de servir de local de entretenimento e por isso possuía inúmeros salões. Foi ali que ele teve o sonho poucos dias antes do aniversário de sua esposa, Martha. Ela havia dito a ele que esperava alguns amigos para comemorar a data, entre eles, Irma. Freud afirma que esse sonho previu o evento (restos diurnos).

A repreensão a Irma: *Repreendi Irma por não haver aceito minha solução; disse: “Se você ainda sente dores, a culpa é sua.”*

O simbolismo do sonho fica evidente, já no início, quando Freud repreende Irma por não ter aceito a *solução* que ele lhe oferecera. Nesse momento inicial de sua elaboração teórica, Freud acreditava que uma vez que o sentido do conflito inconsciente fosse comunicado ao paciente e

aceito por este, a cura se efetivaria. Com isto, Freud transferia para Irma a responsabilidade por um possível fracasso parcial do tratamento e pelas dores que a afligiam — foi ela quem não aceitou a “solução”. Dessa maneira também ficava ao abrigo das críticas de seus colegas.

Freud começa a procurar o fator deflagrador do sonho. A pergunta não está voltada para o desejo inconsciente produtor do sonho, mas para um pequeno acontecimento do dia anterior, para algo que ficou em suspenso e que, pela sua carga emocional,

constituiu-se como fator deflagrador do sonho. Esse pequeno acontecimento foi o tom ambíguo do comentário do seu amigo Otto quando Freud lhe perguntou como estava passando Irma: *“Está melhor, mas não inteiramente boa”* (restos diurnos). Para o psicanalista, o comentário que deixava no ar uma dúvida quanto a um possível erro de diagnóstico por parte de Freud e incomodava muito este último, pois havia partido de um colega mais jovem, simpático médico, mas nada brilhante.

As queixas e o aspecto de Irma: Irma reúne em si várias mulheres (condensação): ela própria, a esposa de Freud, uma amiga sua e a governanta. Sente dores de garganta e no estômago. Está pálida e inchada. Ao ser solicitada para que abra a boca, protege-se como alguém que usa dentadura. Na verdade, Freud havia examinado, há algum tempo, uma jovem governanta que usava prótese e ficara tímida que o médico percebesse. A imagem de Irma na janela evocara em Freud a lembrança de uma amiga de Irma, que o impressionara sobremaneira em uma visita que fez à sua casa e quando Freud a viu, estava próxima da janela na mesma posição de Irma nesse sonho. As dores no abdômen conduziram Freud à sua esposa grávida (restos diurnos).

Freud se explica sobre o não avanço na análise dessa parte do sonho em uma nota de rodapé (censura):

“Suspeito que a interpretação deste fragmento não avançou o suficiente para desentranhar todo o seu sentido oculto. Se quisesse prosseguir com a comparação entre as três mulheres, isso me conduziria muito longe. Existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável, um umbigo pelo qual ele se conecta com o desconhecido.”

Segundo Garcia-Roza, Freud não prosseguiu com essa parte do sonho por denunciar publicamente um sentimento que gostaria de guardar (censura): sua preferência sexual pela amiga de Irma. Em uma nota de rodapé ele diz que “... não convinha confiar demasiadamente na discrição dos leitores”. O umbigo é a incompletude, um local obscuro no qual os mecanismos de defesa não deixam mais penetrar. A ansiedade de Freud com sua falha: *“Fiquei alarmado com a ideia de não haver percebido alguma doença orgânica”*.

Esse talvez seja o motivo de angústia de todos os especialistas. Mas Freud se perguntava se os outros médicos haviam se deixado iludir pelos sintomas histéricos de Irma e revela que, muitas vezes, esses profissionais tratavam como uma doença orgânica a histeria de sua paciente neurótica. Como ele já havia atribuído a Irma, em sonho (realização do desejo), a culpa pelo seu estado atual (“dores e aspecto pálido e inchado”), ocorreu-lhe que talvez ele tivesse deixado passar algo orgânico. Freud afirma que talvez estivesse desejando que tivesse feito um diagnóstico errado, pois assim a culpa pelo não-êxito nesse tratamento não seria sua. O novo exame na janela: *“Levei-a até à janela para examinar-lhe a garganta. Ela mostrou alguma resistência, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo”*. Freud se lembrou do exame que fizera na boca da governanta que usava prótese e que, à primeira vista, lhe parecera a imagem da beleza juvenil. Já a maneira pela qual Irma postou-se à janela fez Freud se recordar de uma amiga íntima de Irma de quem ele “fazia uma opinião muito elevada”. Quando visitou essa senhora certa noite, encontrou-a perto de uma janela na situação reproduzida no sonho de Freud, e seu médico, era o mesmo Dr. M, que lhe dissera que ela apresentava uma membrana diftérica. A figura do Dr. M e a membrana reaparecem posteriormente no sonho. Ocorreu a Freud que talvez essa outra senhora também fosse histérica e ele substituíra a paciente por sua amiga (deslocamento).

O que foi encontrado: *“O que vi em sua garganta: uma placa branca e os ossos turbinados recobertos de crostas”*. A placa branca fez Freud se recordar da difterite e tudo mais da amiga de Irma, mas também de uma doença grave de sua filha mais velha, quase dois anos antes, e o susto por que passou naqueles dias aflitivos. As crostas nos ossos trouxeram uma preocupação à tona sobre seu próprio estado de saúde, uma vez que o médico vinha fazendo uso frequente da cocaína para reduzir algumas incômodas inchações nasais, e ficara sabendo alguns dias antes que uma de suas pacientes, que seguira seu exemplo, desenvolvera uma extensa necrose da membrana mucosa nasal. Além disso, o uso indevido dessa droga havia apressado a morte de um grande amigo Freud, antes de 1895 [a data do sonho]. A convocação do Dr. M. para a confirmação do exame: *“Chamei imediatamente o Dr. M, e ele repetiu o exame”*.

Dr. M costumava frequentar o casal Freud, porém a expressão *“imediatamente”* chamou a atenção do psicanalista, pois o fez se lembrar de um episódio trágico em sua clínica. Ele havia provocado uma intoxicação em uma paciente ao receitar uma substância que era julgada como inofensiva (sulfonal), e recorrera às pressas à assistência e ao apoio de um colega seu mais experiente. Além disso, essa paciente tinha o mesmo nome de sua filha mais velha e para ele era como se o destino tivesse lhe fazendo uma retaliação: substituindo uma Mathilde por outra Mathilde (deslocamento e condensação), olho por olho e dente por dente. Como se Freud reunisse todas as ocasiões em que podiam acusa-lo pela falta de conscienciosidade médica. O aspecto facial e corporal do Dr. M: *“O Dr. M estava pálido, tinha o queixo bem escanhado e claudicava ao andar”*. Segundo Freud, Dr. M sempre aparentava estar doente, o que afligia muito seus amigos mais próximos. Mas ele também possuía

características físicas (rosto escanhado) do irmão mais velho de Freud que morava no exterior e de quem ele havia tido notícias dias antes (restos diurnos). Soubera que o irmão estava puxando uma perna em virtude de uma infecção artrítica no quadril. Por alguma razão, Freud fundiu essas duas figuras em uma só no sonho (condensação). Freud se lembrou que estava de cara virada para eles, pois ambos haviam rejeitado certa sugestão que ele lhes fizera havia pouco tempo. A presença dos amigos Otto e Leopold: *“Meu amigo Otto estava agora de pé ao lado da paciente, e meu amigo Leopold a examinava e indicava que havia uma área surda bem abaixo, à esquerda”*. Leopold era também médico e parente de Otto, e ambos haviam se especializado no mesmo ramo da medicina, por isso competiam entre si. Os dois haviam trabalhado como assistentes de Freud durante anos, quando ainda chefiava o departamento de neurologia para pacientes externos de um hospital infantil. O sonho reproduziu uma cena que ocorrera ali inúmeras vezes. A diferença entre ambos era que um se destacava por sua rapidez, ao passo que o outro era lento, porém seguro. Se no sonho Freud estabeleceu um contraste entre Otto e o prudente Leopold, evidentemente gostava mais das atitudes do segundo. A comparação era semelhante à que ele fazia entre desobediente paciente Irma e sua amiga, que Freud considerava mais sensata do que ela. Os pensamentos no sonho *“A área surda bem abaixo, à esquerda”* lembrou a Freud, em todos os detalhes, de um caso específico em que Leopold o impressionara por sua meticulosidade. Também era uma referência que talvez Irma estivesse com tuberculose. O reparo na pele do ombro e o vestido de Irma: *“Uma parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada”*. Freud identificou imediatamente que se tratava do reumatismo em seu próprio ombro, que ele observava sempre que ficava acordado até altas horas da noite (restos diurnos). Além disso, as palavras do sonho eram muito ambíguas: *“Notei isso, tal como ele...”* Ou seja, notou em seu próprio corpo. A segunda parte da fala também impressionou o médico: *“uma parte da pele estava infiltrada”*. Os médicos daquela época estavam habituados a falar em *“infiltração pósterio-superior esquerda”*, que era uma referência ao pulmão e, portanto, mais uma vez, à tuberculose. *“Apesar de seu vestido”*. Isso, de qualquer modo, fora apenas uma interpolação. Eles costumavam examinar as crianças no hospital despidas: e isso seria um contraste com a maneira como as pacientes adultas tinham de ser examinadas. A fala diagnóstica do Dr. M e seus elementos: *“É um infecção, mas não tem importância. Sobrevirá uma disenteria e a toxina será eliminada.”* Freud não associou, de pronto, essa fala e até a achou momentaneamente ridícula. Depois lembrou-se de uma discussão, na época da doença de sua filha, sobre difterite e difteria, sendo esta a infecção geral que decorre da difterite local. Leopold indicara a presença de uma infecção geral dessa natureza a partir da existência de uma área surda, que assim poderia ser considerada como um foco metastático. Freud parecia pensar que essas metástases de fato não ocorrem com a difteria: aquilo o remetia a outra doença: piemia. *“Não tem importância”*. Segundo Freud, uma fala de consolo. As dores de sua paciente eram decorrentes de uma grave infecção orgânica, como se tentasse desviar a culpa de si mesmo. O tratamento psicológico não podia ser responsabilizado pela persistência de dores diftericas. Freud relata ter experimentado uma sensação de constrangimento por ter inventado uma moléstia tão grave para Irma, apenas para inocentá-la. *“Parecia cruel demais. Assim, precisava de uma certeza de que no fim tudo ficaria bem, e me pareceu que colocar as palavras de consolo precisamente na boca do Dr. M não fora má escolha”* (deslocamento), disse. Otto dá uma injeção em Irma: *“Quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção”*. Recentemente, Otto havia contado a Freud que durante sua curta estada com a família de Irma, fora chamado a um hotel das imediações para aplicar uma injeção em alguém que de repente se sentira mal. Freud associou mais uma vez a injeção ao seu amigo que havia aplicado injeções de cocaína em si mesmo e morrido. Freud o havia aconselhado a só usar por via oral, enquanto a morfina era retirada; mas ele de imediato se aplicara injeções de cocaína. Os elementos químicos: *“Um preparado de propil... propilos... ácido propiônico”*. Freud se questiona de que maneira foi pensar justamente nesses elementos. Ele relata que na noite anterior (restos diurnos), antes de redigir o caso clínico e ter o sonho, sua mulher abriu uma garrafa de licor na qual aparecia a palavra *“Ananás”* e que fora um presente do amigo Otto, que em todas as ocasiões, prováveis e improváveis, levava mimos para o casal Freud. O licor exalava um cheiro tão acentuado de álcool amílico que ninguém o experimentou. Sua mulher sugeriu dar a garrafa aos criados, mas Freud vetou a sugestão, acrescentando, com espírito filantrópico, que não havia necessidade de eles serem envenenados. O cheiro do álcool amílico (amil...) evidentemente avivou em sua mente a lembrança de toda a sequência: propil, metil, e assim por diante. Isso explicava o preparado propílico no sonho. *Trimetilamina*. Freud havia visto a fórmula química dessa substância em um sonho, o que garante um grande esforço por parte de sua memória, pois a fórmula estava impressa em negrito, como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial. Por quê? Freud tinha um outro amigo, que há muitos anos se familiarizara com todos os seus escritos, durante a fase em que eram gerados, tal como ele se familiarizara com os dele. Na época, ele havia confiado algumas ideias sobre a questão da química dos processos sexuais e mencionara, entre outras coisas, acreditar que um dos produtos do metabolismo sexual era a trimetilamina. Assim, essa substância me levava à sexualidade, fator ao qual Freud atribuía máxima importância na origem dos distúrbios nervosos cuja cura era o seu objetivo. Irma era uma jovem viúva e Freud pensou que talvez quisesse encontrar uma desculpa para o fracasso de seu tratamento no caso dela. Segundo Garcia-Roza, Freud associa a fórmula, de imediato, ao seu amigo Fliess e a uma conversa que tiveram a respeito da química sexual. A fórmula conduz, portanto, à natureza sexual do conteúdo do sonho. Ele pergunta: *“Mas seria este seu sentido mais forte? A natureza sexual do conteúdo do sonho já não*

era evidente na primeira parte do relato? Por que a fórmula? É ao sexual que esta fórmula faz apelo?”. A primeira parte do sonho nada mais revela do que os desejos conscientes de Freud, sejam eles o desejo de vingança contra seu amigo Otto ou o desejo sexual por Irma e sua amiga. Para complementar seu pensamento, Garcia-Roza cita Lacan: “Segundo Lacan, a fórmula da trimetilamina que aparece escrita em negrito no sonho de Freud não teria como propósito remeter a um sentido sexual oculto no sonho manifesto, até porque, como já vimos, esse sentido não está tão oculto assim. A fórmula, enquanto expressão simbólica, não remeteria a nada além dela própria ou, se preferirmos, o único apelo que ela faz é à própria natureza do simbólico, apelo à palavra portanto. Este apelo não é tampouco um apelo do eu de Freud, do eu do sonhador. Não é mais do eu que se trata aqui, mas de algo que o ultrapassa, que é descentrado em relação ao eu e que é o *sujeito do inconsciente*”. A repreensão pela injeção e pela seringa estar suja: “*Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada*”. Freud descobre que fez uma acusação contra seu amigo Otto. Ele se lembrou de ter pensado em qualquer coisa da mesma natureza naquela tarde (restos diurnos), quando as palavras e a expressão de Otto lhe pareceram demonstrar que estava tomando partido contra Freud: “Com que facilidade os pensamentos dele são influenciados! Com que descaso ele tira conclusões apressadas!”. Outro pensamento que lhe ocorreu é que essa frase lembrou mais uma vez seu amigo morto, que com tanta pressa recorrera a injeções de cocaína. Notou também que, ao acusar Otto de irreflexão no manuseio de substâncias químicas, estava mais uma vez se referindo a história da infeliz Mathilde, que dera margem à mesma acusação contra ele. Aqui, ele estava evidentemente reunindo exemplos de minha conscienciosidade, mas também do inverso. “*E, provavelmente, a seringa não estava limpa*”. Essa era mais uma acusação contra Otto, porém derivada de uma fonte diferente. No dia anterior (restos diurnos), Freud encontrara por acaso o filho de uma velhinha de 82 anos em que ele tinha de aplicar uma injeção de morfina duas vezes ao dia. No momento, ela se encontrava no campo e, disse-lhe o filho, estava sofrendo de flebite. Freud logo pensou que deveria ser uma infiltração provocada por uma seringa suja. Orgulhava-me do fato de, em dois anos, não haver causado uma única infiltração; empenhava-me constantemente em se certificar de que a seringa estava limpa. Em suma, Freud pensara, “sou consciencioso”. A flebite levou Freud a associar a trombose que sua mulher tivera durante uma das vezes em que estava grávida, e então lhe ocorreram três situações semelhantes, envolvendo sua esposa, Irma e a falecida Mathilde (condensação). A identidade dessas situações evidentemente o permitira, no sonho, substituir as três figuras entre si.

CONCLUSÃO

Antes de Freud os sonhos eram considerados apenas símbolos, analisados como se fossem premonições, manifestações divinas, grandes sortes ou desgraças. Os estudos sobre a teoria da interpretação dos sonhos de Freud, afirmam que não existe, nos sonhos, a condição de prever o futuro e que existem neles sentimentos morais, daí a importância do psicanalista interpreta-los. Eles contêm emoções e sentimentos do verdadeiro eu. Freud analisou se relatando exatamente como foi seu sonho.

No estudo da interpretação da “Injeção de Irma” é evidente a ideia de id, ego, superego, recalque e sublimação (passar por cima de uma frustração), com o objetivo de disfarçar algo ou dar forma mais simples (esconder) o que realmente é de fato.

Freud define que todas as pessoas sonham. Os sonhos são a realização dos desejos, desejos esses que estão contidos em cada um de nós mas que devido à cultura, costumes, educação e a moral da sociedade, são recalcados, bem escondidos em nosso inconsciente, e revelam-se durante o sonho. Neste caso, o guardião do sonho trabalha de forma que as imagens sejam distorcidas e disfarçadas para que o superego não acorde a pessoa devido à sua censura, interrompendo o sonho.

Ao analisar o sonho com Irma é importante entender o seu conteúdo manifesto e principalmente o conteúdo latente, pois é a partir dele que se identificam as associações. Destacamos que a interpretação do sonho pode ser analisada diversas vezes e sobre diversos aspectos. Na referida análise identificamos vários pontos discutidos em sala de aula, sendo: condensação, deslocamento, dramatização e simbolização que concluem o conteúdo manifesto do sonho.

A publicação do livro “A Interpretação dos Sonhos”, revolucionou a ciência e desmistificou a ideia da interpretação do sonho como sendo algo divino ou espiritual e é considerado o mais importante estudo psicanalítico de Freud: “Quando me perguntam como pode uma pessoa fazer-se psicanalista, respondo que é pelo estudo dos próprios sonhos”.